

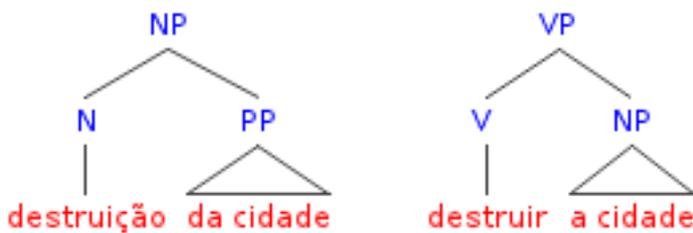
Introdução a uma abordagem formal da sintaxe – Teoria X-barra, II

0. Retomando a Aula 7

- Estruturas de complementação simples

<p>(1)</p> <p>(2)</p>	<p>A generalização axiomática disso poderia ser na árvore esquemática (8), onde "X" representa o núcleo do "Sintagma-X", Y representa o núcleo do "Sintagma-Y", etc; e onde "sintagma-Y" é o complemento de "Sintagma-X", etc:</p> <p>Nos trabalhos em teoria gerativa, convencionou-se utilizar abreviaturas para as categorias sintagmáticas, e as abreviaturas são costumeiramente feitas a partir dos nomes em inglês. Ou seja, para sintagma, Phrase; para "Sintagma X", "X Phrase", abreviado "XP" (cf. árvore esquemática (9)). Note-se que a única diferença entre (8) e (9) são os rótulos das categorias:</p>
-----------------------	---

(6)



- Note-se que as árvores esquemáticas acima apresentadas representam razoavelmente a relação núcleo-complemento. Entretanto, isso não dá conta de todas as relações sintagmáticas que queremos capturar. Em especial: esta representação estrutural não dá conta...
- das **relações de complementação mais complexas**,
- das relações de **modificação**/adjunção;
- da relação que se forma entre o **sujeito** de uma sentença e seu predicado.

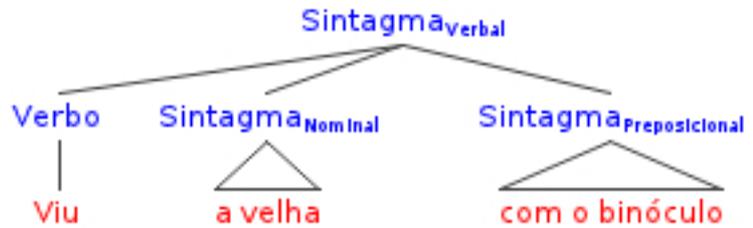
- Outras relações: complementação complexa

- Um primeiro problema para esse esquema simples são as construções com duplo complemento. No início da teoria, um sintagma com núcleo verbal (i.e., um Sintagma Verbal) e dois complementos seria representado como (7b) abaixo:

(7a)...viu [a velha [com o binóculo]]

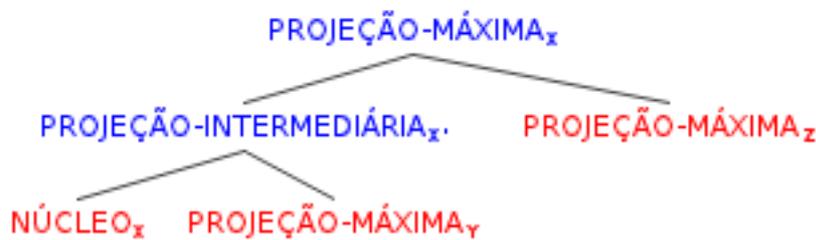


(7b) ... viu [a velha] [com o binóculo]



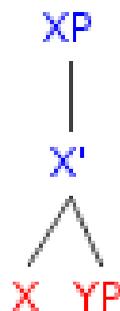
- Nas versões mais recentes, postula-se que a estrutura arbórea deva ser sempre **binária** (binary branching). A composição de uma estrutura com ramos binários e duas posições de concatenação num mesmo XP, bem como a representação das relações de concatenação que parecem diferentes da complementação lexical recebe uma solução elegante pela proposta de um nível estrutural intermediário entre X e XP (i.e., entre a unidade menor, "núcleo", e a unidade maior, "Sintagma").
- Nesse esquema, o que chamávamos de "Sintagma" acima será chamado de "Projeção máxima"; e esse nível intermediário será a "Projeção intermediária":

(8)

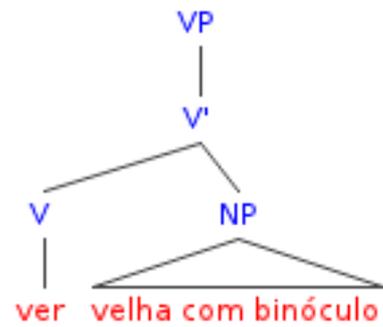
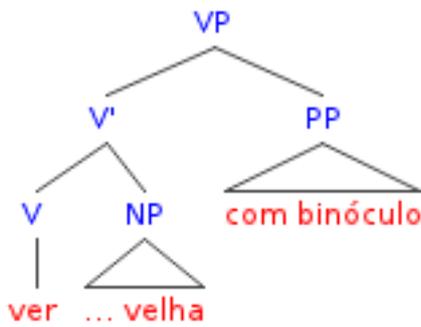


- Observemos agora a questão da denominação dessas "projeções intermediárias". Elas devem guardar todas as características categoriais (i.e., quanto ao comportamento de Nomes, Verbos, etc) da projeção máxima - afinal: elas também são projeções daquele núcleo (Nominal, Verbal, etc.). Não queremos, portanto, dar a elas um "nome" diferente. Assim, se o núcleo é X e a sua projeção máxima é XP, que nome daremos à projeção intermediária de X, para manter a idéia de que ela é uma projeção DE X, mas ainda não a máxima? Propõe-se então denominar essa projeção intermediária de X' - ou seja, X "**linha**" - o que se convencionou depois denominar "**X barra**".
- Chegamos portanto ao **Barra** da Teoria **X-Barra**: "X", pois é uma teoria axiomática; "barra"- é uma teoria que propõe níveis intermediários de projeção dos núcleos.

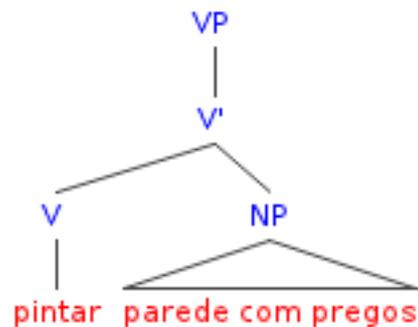
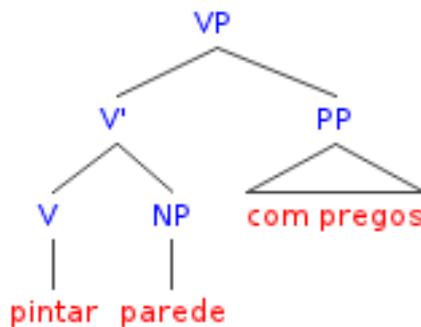
(9) [XP [X' X<sup>0</sup> [YP]]]



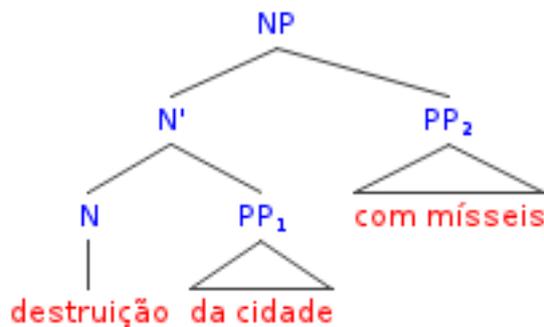
(10) (a) [VP [V' [V ver [NP a velha ]] [PP com o binóculo ]]      (b) [XP (...) [X' V-ver [NP a velha com o binóculo ]]]



(11) (a) [VP [V pintar [NP [N' [N parede]]] [PP com pregos]]]      (b) [VP [V '[V pintar [NP parede]]] [PP com pregos]]]



(12) (a) [NP [N' [N destruição [PP da cidade ]]] [PP com mísseis ]]      (b) [NP [N' [N destruição [PP da cidade ]]]



(13) Exercício...

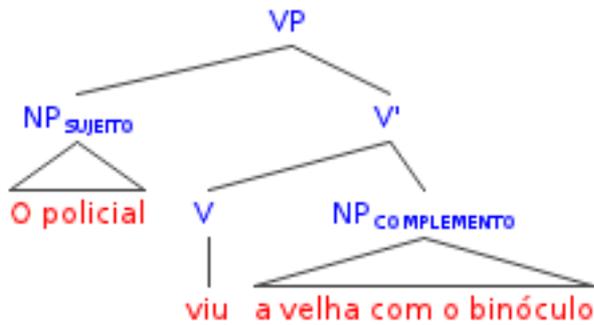
- O policial [bateu [na velha [com a bengala]]]
- O policial [bateu [na velha] [com a bengala]]
- O policial [bateu [na velha [com a bengala]] [com o cassete]]
- [Livro [de receitas [de chocolate]]]
- [Livro [de receitas] [de chocolate]]
- [Livro [de receitas [de chocolate]] [em alemão]]

#### - Outras relações: Sujeitos

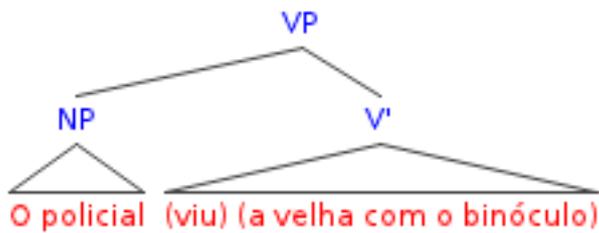
- Como sugerido acima, a projeção intermediária deveria permitir capturar elegantemente também que se estabelece entre o sujeito e o predicado.
- Para essa relação, foi aberta uma posição *irmã* de X', mas *filha* de XP - a posição de *especificador*.
- A intuição básica é que o elemento na posição de especificador estabelece uma relação não simplesmente com o núcleo, mas sim com o conjunto formado pela combinação entre núcleo e complemento (i.e, X'...) - cf. (b) abaixo. Voltaremos a isso no ponto 2, Teoria Temática.

(14) [O policial]-*Sujeito* [viu a velha com o binóculo]

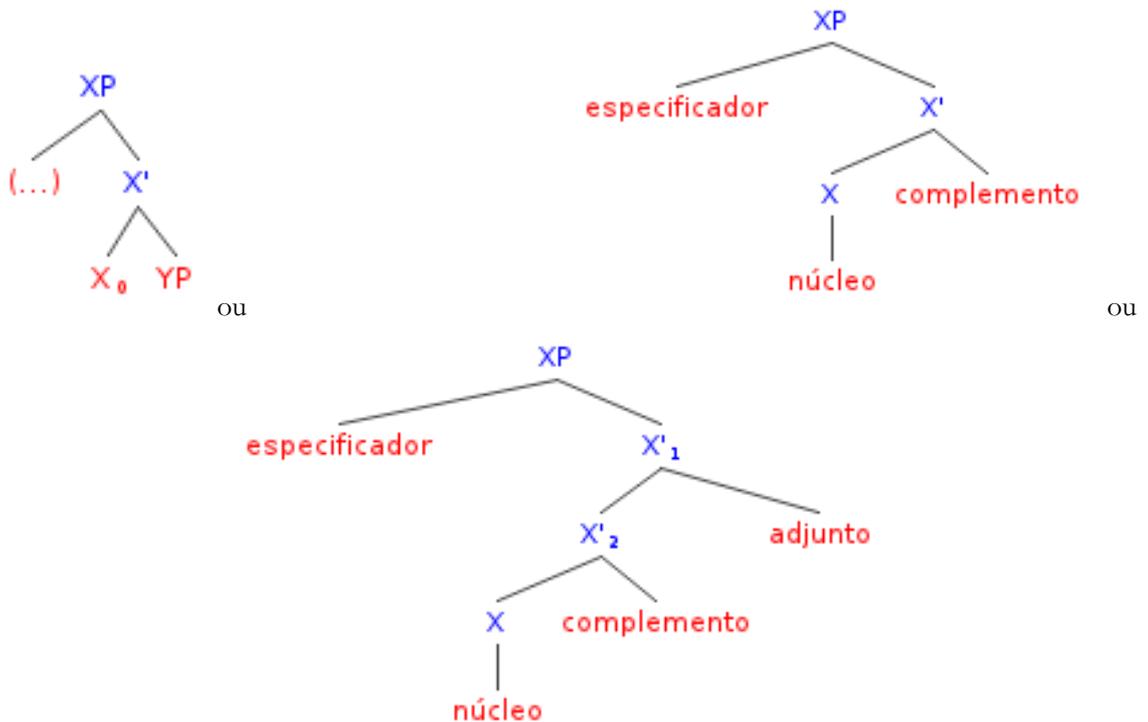
(a)



(b)



(15) Em termos axiomáticos:



- O nível intermediário é, em princípio, uma postulação. Passa a ser tarefa do programa de pesquisa, a partir disso, demonstrar ou não sua relevância, como se vem buscando nos desenvolvimentos mais recentes da teoria (cf. Hornstein, Nunes & Grothmann 2005).
- Por fim: lembrando que a representação arbórea é apenas uma notação, podemos voltar, se necessário, à representação por colchetes, ou mesmo expressar as regras em forma de texto...

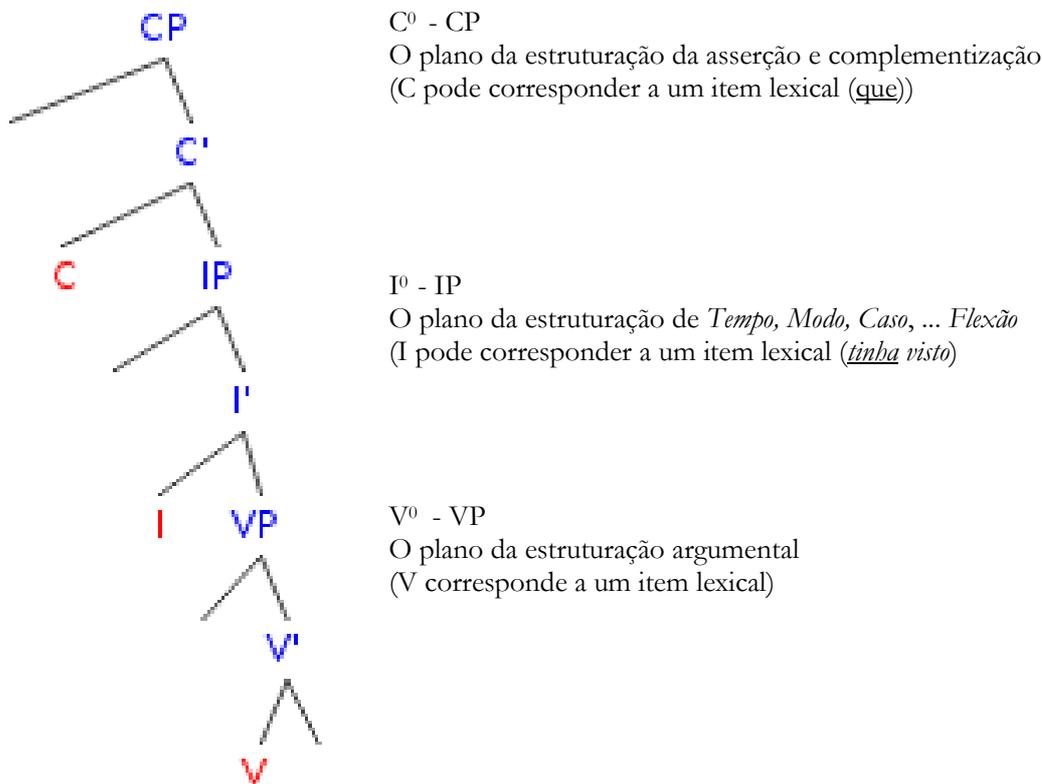
(16) **[XP** (*sintagma especificador*) **[X'** **[X' X** (*sintagma complemento*)] (*sintagma adjunto*) **]**

(17) "Princípios básicos da estrutura da sentença:

- A construção dos objetos sintáticos envolve três tipos de concatenação: a complementação, a modificação, e a especificação. Na estrutura representativa [XP \_ [X' X<sup>0</sup> [\_ ]]],
- 
- (a) Complementos são irmãos de um núcleo X > X<sup>0</sup> ( \_ )
- (b) Especificadores são filhos de XP > [XP ( \_ ) ...]
- (c) Modificadores são adjuntos a X' > [X' ( \_ ) ]
- Até aqui procuramos resumir algumas das propostas da teoria X', com o intuito de preparar as próximas leituras. Mais à frente, no tópico Teoria Temática, algumas das características importantes das relações estruturais esboçadas acima serão detalhadas, examinando as concatenações possíveis a partir do núcleo lexical V.

### Resumo - a Teoria X-barra

“A teoria X-barra é o módulo da gramática que permite representar um constituinte. Ela é necessária para explicitar a natureza do constituinte, as relações que se estabelecem dentro dele e o modo como os constituintes se hierarquizam para formar a sentença”. (Mioto, 2004: 49)



- Neste ponto, iremos nos concentrar na formação da sentença no plano do sintagma verbal, ou seja, VP. Para isso precisaremos revisar o que já vimos na primeira parte do curso sobre argumentos e seus papéis temáticos.